



ARTIGO TRADUZIDO

Primeira Carta sobre a Argélia (23 de junho de 1837)
Première lettre sur l'Algérie (23 juin 1837)

Alexis de Tocqueville

Tradutor:

***Plácido Adriano de Moraes
Nunes***

Médico, jurista, tradutor, mestre em Sociologia (UFAL).

E-mail:

placido.adriano@hotmail.com

Prefácio do tradutor

Este é um dos textos sobre a Argélia escritos por Alexis de Tocqueville. São textos de domínio público, embora pouco conhecidos ou traduzidos. Foram “redescobertos” na década de 1980. Em 1837, Tocqueville começara a empreender uma carreira política. Ele tinha que escolher um eleitorado para as eleições. Com a votação deixando a possibilidade de múltiplas candidaturas, Tocqueville pretendia se apresentar a Cherbourg ou a Versailles, porque o seu pai era o prefeito ali e talvez pudesse contar com os votos dos legitimistas, no décimo distrito administrativo de Paris, na época. Ele queria provar aos seus eleitores em potencial a sua capacidade de lidar com os novos problemas que surgiriam na sociedade francesa e propor soluções relevantes. A partir de 1835, ele apresentou à Real Sociedade Acadêmica de Cherbourg o seu primeiro livro de memórias sobre o pauperismo. Poucos meses depois, em 23 de junho e 22 de agosto 1837, ele publicou duas cartas sobre a Argélia em “La Presse”, de Seine-et-Oise, porque ele queria mostrar aos eleitores desta circunscrição que ele era capaz de analisar seriamente a questão da Argélia e propor as linhas gerais de uma política colonialista. A abordagem é comparável em ambos os casos: duas memórias correspondem a duas cartas. Aqui está o texto da primeira. Nestes textos, ver-se-á um lado não conhecido de Tocqueville no qual ele defende peremptoriamente o colonialismo à base mesmo de violência. Tocqueville, de fato, foi um partidário resoluto da política colonial francesa na Argélia, e, em vista das necessidades políticas e econômicas de conquista, ele afirma que subscreve a política de terror e invasões, chegando mesmo a afirmar que, apesar de ser necessidades infelizes, qualquer pessoa que deseje fazer uma guerra contra os árabes será obrigada a fazer tais atos. Em 1988, Tzvetan Todorov organizou e editou os textos de Tocqueville sobre a Argélia os quais se encontram em “De la colonie en Algérie” (Bruxelles: Complexe, 1988). O texto que segue é uma tradução do francês a partir da edição disponibilizada pela Université du Québec à Chicoutimi em <http://classiques.uqac.ca/>.

Grandes eventos acabaram de acontecer na Argélia; podemos acreditar que outros ainda estão prestes a ocorrer, então não é uma má escolha do meu tempo, Senhor, ir de encontro a teu desejo e contar-te o que sei sobre Argel. Faço-o mais facilmente porque, embora tenha havido muita discussão sobre este país, parece-me que mal o conhecemos.

Sr. Desjobert, em um livro, de algum modo, muito estimado recentemente publicado em nossa nova colônia, assegura-nos que, para falar adequadamente de um país estrangeiro, é bom não ter estado lá. Esta é uma vantagem que compartilho com ele, mas não me orgulho disso. Pelo contrário, penso com o vulgar que, para bem fazer conhecer uma coisa aos outros (a), é útil conhecê-la por si mesmo e que, para conhecê-la bem, não é sem utilidade tê-la visto. Não me glorificarei de não ter ido à África, mas tentarei aproveitar as histórias de muitos dos meus amigos que estão lá há muito tempo, e fazer que se perceba o mínimo possível que eu não testemunhei por mim mesmo o que estou tentando pintar.

Creio que antes de falar sobre os habitantes, é bom dizer-te uma palavra do próprio país. Essas duas coisas se têm e explicam-se uma pela outra.

Sabes, Senhor, que a Argélia se estende quase diretamente do oeste para o leste, por um espaço de ... léguas.¹ Paralelamente ao mar, ergue-se uma cadeia de altas montanhas chamada Atlas. Às vezes, tal cadeia recua abruptamente para o sul e abre-se em planícies longas e largas; outras vezes, aproxima-se subitamente da costa e vem banhar os seus últimos elos nas ondas. De tempos em tempos, ela se dobra sobre si mesma e envolve vales profundos em seus contornos.

Mil pequenos riachos fluem por todos os lados sobre os seus flancos. Mas em nenhuma parte o Atlas deixa-se abaixar mesmo por um momento até o nível das planícies e a permitir a passagem a um grande rio que facilmente levaria as armas e as artes da Europa às profundezas dos desertos.

No Atlas vivem os cabilas²³, nos vales, os árabes. Todas as vezes que percebes uma montanha, podes ter por certo que ela esconde em suas sinuosidades uma tribo de cabilas e assim que percebes

¹ No texto original não consta a distância. Atualmente, a Argélia tem uma área de 2.381.741km².

² Em francês, "Kabylie" deriva de "Kabyle" que é a etimologia mais comumente aceita, derivada do árabe qabā'il, plural de qabila, "tribo". No primeiro sentido, os cabilas seriam, portanto, simplesmente o "povo das tribos". Na história pré-colonial do Norte da África, a tribo é a forma de organização social que se opõe contra todas as tentativas de submissão pelos Estados emergentes.

³ Os cabilas, bem como a Argélia e as suas demais populações, já foram objeto de estudos sociológicos e antropológicos, por diversos pesquisadores importantes, como Pierre Bourdieu. Este escreveu a sua *Sociologie de l'Algérie* que foi publicada na coletânea "Que sais-je?" em 1958. Após a independência da Argélia (1962), publicou, em 1963, *Travail et travailleurs en Algérie*, um estudo sobre a descoberta do trabalho assalariado e a formação do proletariado urbano na Argélia, em colaboração com Alain Darbel, Jean-Paul Rivet e Claude Seibel. Em 1964, ele publicou *Le Déracinement. La crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie*, em colaboração com seu amigo argelino Abdelmalek Sayad, sobre a destruição da agricultura e da sociedade tradicional e a política de reagrupamento de populações pelo exército francês.

uma planície, deves esperar que o acampamento árabe em breve apareça no horizonte. As duas raças estão, portanto, constantemente interligadas, mas nunca se confundem.

Perguntar-me-ás sem dúvida, Senhor, qual é a origem desses cabilas, tão singularmente misturados aos árabes e sempre distintos deles. O Instituto ainda duvida. Eu deixo-te para julgar se posso permitir-me uma conjectura. Alguns afirmam que são ibéricos e acreditam que reconhecem analogias entre sua linguagem e o gascão. Outros pensam que são antigos árabes que chegaram das fronteiras da Judéia. Há alguns que imaginam encontrar neles os descendentes dos vândalos. Toma por certo, Senhor, que até agora ninguém sabe nada sobre isso. Mas à vera digo: isto pouco importa. São os cabilas de nossos dias que devemos conhecer e não seus ancestrais.

Os cabilas têm uma língua completamente diferente da dos árabes e os seus costumes não se assemelham. O único ponto de contato entre as duas raças é a religião. Os cabilas ainda são sedentários, cultivam o solo, constroem casas e conservaram ou adquiriram algumas das artes mais necessárias. Operam-se em casa as minas de ferro; fabrica-se o pó; forjam-se as armas de toda espécie e tecem-se artefatos grosseiros. Não imagines, Senhor, que todos esses cabilas formam um grande povo sujeito ao mesmo governo. Eles ainda estão divididos em pequenas tribos, como no primórdio do mundo. Estas tribos não têm nenhum poder umas sobre as outras ou mesmo qualquer ligação entre elas, vivem separadas e frequentemente em guerra, cada uma delas tem o seu pequeno governo independente que é estabelecido por cada uma e a sua legislação pouco complicada. Se Rousseau tivesse conhecido os cabilas, ele não teria nos dito tanta loucura sobre os caribenhos e outros índios da América: ele teria buscado no Atlas os seus modelos; é lá que ele teria encontrado homens sujeitos a uma espécie de polícia social e, no entanto, quase tão livres quanto o indivíduo isolado que desfruta de sua independência selvagem nas profundezas das matas; homens que não são nem ricos nem pobres, nem servos nem senhores; que nomeia eles mesmos os seus chefes e quase não percebem que têm chefes, que estão contentes com a sua condição e a asseguram.

Mas há alguns axiomas da política desses cabilas que talvez Rousseau não aprovasse tanto. Essa gente tem por máxima fundamental de que não é necessário que um estrangeiro pise em seu território. Eles não ouvem a razão neste ponto. Eles vêm vender os seus produtos em nossos mercados, eles vão até as planícies para alugar os seus serviços, eles voluntariamente se juntam aos nossos exércitos, mas se tu, por favor, Senhor, por reciprocidade, quiser ir visitá-los em suas montanhas, e vieres com as melhores intenções do mundo, se apenas queiras falar de moralidade, civilização, belas artes, economia política ou filosofia, eles certamente cortariam a tua cabeça. É um princípio de governo, o qual eles persistem em não abandonar.

Estou certo de que os cabilas têm uma religião bastante indiferente; que é uma raça prosaica e interesseira que se preocupa muito mais com este mundo do que com o outro, e que será mais fácil derrotá-los com o nosso luxo e as nossas artes do que com as nossas armas.

Eu teria muito mais coisas a dizer sobre os árabes; mas devo me limitar. Os limites do jornal me obrigam.

Acredita-se geralmente na Europa que todos os árabes são pastores, e estão dispostos a representá-los, passando a vida conduzindo muitos rebanhos em vastos pastos que não são de propriedade de ninguém ou que, pelo menos, pertencem à tribo inteira. Isto é como eles foram há três mil anos, por isso ainda os encontramos hoje nos desertos do Iêmen. Mas não é assim que eles se fazem ver ao longo do Atlas. Imagina, Senhor, que não há uma polegada de terra nos arredores de Argel que não tenha proprietário conhecido, e que não há mais terreno vazio na planície de Mitidja do que na de Argenteuil. Cada possuidor recebe um título escrito em boa forma por um funcionário público. Aqui admitirás que são selvagens singulares. O que lhes falta, por favor, para se assemelharem a homens inteiramente civilizados, que discutem diariamente sobre os limites indicados em seus contratos? Mas isso é o que eles dificilmente fazem pela razão que eu vou dizer-te: se os árabes não permanecessem completamente pastores e nômades, não se tornariam sedentários e agricultores. Eles são alternadamente um e outro. Um pequeno número deles tem casas, a grande maioria conservou o hábito de viver em tendas. Todos os anos, eles semeiam alguns dos seus campos e põem grandes rebanhos para pastar em todos os outros. Cada tribo tem, portanto, um território muito vasto cuja a maior parte permanece inculta e a outra é cultivada com pouca arte. Enquanto um campo não for cultivado, cada membro da tribo pode pastorear o seu gado lá; mas a partir do momento em que o proprietário se apresenta e semeia, os frutos pertencem somente a ele.

Vê, Senhor, que os árabes da costa da África são fazendeiros e pastores. A maioria deles está mudando, sem cessar, de lugar, mas jamais ultrapassam um determinado raio. Eles chegaram a essa época de transição quando, dispostos entre a vida nômade e a vida sedentária, ainda não estavam fortemente ligados a uma nem mais firmemente ligados à outra, puderam estar definitivamente fixados por circunstâncias fortuitas a uma ou à outra. Eu irei fazer-te compreender, mais tarde, a parte que nós podemos tirar desse estado de coisas.

À medida que nos movemos para o sul, encontramos menos campos cultivados e mais rebanhos; as tendas se multiplicam; as casas desaparecem; os hábitos da população tornam-se cada vez menos sedentários; a vida nômade assume o controle. Chegamos assim ao grande deserto que se encontra do outro lado do Atlas. É lá que encontramos, dizem, os árabes da Bíblia e dos Patriarcas. Lá, além dos limites, além dos confins dos campos, além dos títulos para a posse de terras, mas uma solidão

imensa onde as tribos vagueiam incessantemente na inteira e plena liberdade do deserto, arrastando atrás de si um prodigioso número de camelos, éguas* e ovelhas.

À época onde os sucessores de Maomé invadiram o Egito e a Numídia, os árabes os seguiram por tribos. Estes árabes conquistaram tudo o que encontraram até o sopé dos Pireneus, e em todos os países em que se instalaram, preservaram a mesma forma de sociedade. Os árabes da costa da África ainda hoje estão divididos em pequenas tribos quase independentes umas das outras, como eram há 1200 anos, na Arábia, quando a sua grande paixão religiosa os levou todos de vez para o Ocidente.

Cada uma dessas pequenas sociedades elege os seus líderes, que são chamados de xeques, e discutem os seus próprios assuntos em comum. Todas essas tribos, no entanto, para dizer a verdade, são um mesmo povo. Elas têm a mesma origem, as mesmas lembranças, as mesmas opiniões, os mesmos costumes, eles formaram antigamente uma única nação e eram de outro modo governadas, no mínimo governadas em alguns pontos por um único governo.

Nas tribos árabes, não vemos igualdade tão completa quanto aquela entre as tribos cabilas; pelo contrário, descobrimos desigualdades muito grandes. Há em cada tribo um certo número de famílias, a maioria antiga, que possui vastas propriedades, grandes rebanhos e numerosos servos. Os chefes dessas famílias têm belos cavalos, que eles montam sem cessar, belas e boas armas, que se veem todos os dias em suas mãos; eles formam um tipo de aristocracia militar que, por consentimento tácito do resto da população, dirige mais ou menos todos os negócios

Mas a principal aristocracia árabe tem origem na religião. Ouve, com atenção, peço-te, Senhor, porque a coisa é ao mesmo tempo importante e singular. Há homens que uma vez por sua piedade e conhecimento adquiriram uma reputação de extraordinária santidade. Esses homens, que são chamados de marabus, foram cercados pelo respeito público durante as suas vidas e, geralmente, exerceram uma grande influência sobre o espírito das populações em redor; e o que é particular é que eles repassaram tudo isso a seus descendentes. Em cada família de marabus, não falta nascer para toda a nova geração um homem santo e erudito que mantenha o bom renome e o poder de seus predecessores. Há poucas tribos onde se encontram um ou mais marabus que habitualmente vivem perto do túmulo do seu antepassado mais famoso e dão uma hospitalidade bastante generosa àqueles que vêm fazer ali peregrinações, porque, em geral, eles são ricos. Esses marabus são homens de religião e ciência, que sentem ou afetam uma grande distância pelas ocupações tumultuadas e mentirosas deste mundo. Enquanto a aristocracia militar ainda sempre está a cavalo, o yatagan ou rifle na mão, o marabu monta um asno e cruza desarmado e furtivamente vestido a multidão de homens de guerra que se apressa para abrir as suas fileiras à sua passagem e para beijar-lhe a mão. Apesar dessa aparência pobre, os marabus devem, no entanto, ser considerados como os membros mais influentes da sociedade árabe.

Eles são a inteligência desse grande corpo cuja aristocracia militar forma o coração e os membros. Geralmente são os marabus que restauram a paz entre as tribos e que secretamente dirigem as principais fontes de sua política.

Nota bem, Senhor, que Abd-el-Kader, de quem já ouviste falar tanto, pertence a uma das primeiras famílias de marabus da Regência e é um marabu. Isso explica muitas coisas.

Quanto às características gerais do caráter árabe, elas são conhecidas há muitos séculos. E elas se encontram na Argélia como em qualquer outro lugar. Entre os árabes da costa da África, notamos a imaginação brilhante e sensual, o espírito insensível, sagaz, a coragem e a inconstância que eram evidentes em seus pais. Como eles, pertencem a essa raça móvel e indomável que adora o gozo físico, mas que coloca a liberdade acima de todos os prazeres e que sabe fugir nas areias do deserto em vez de vegetar sob um mestre.

Os árabes da costa da África também têm uma miríade de vícios e virtudes que não lhes são próprios, mas pertencem ao período da civilização em que se encontram. Símile a todos os povos semisselvagens, eles acima de tudo honram o poder e a força. controlando pouco a vida dos homens e desprezando o comércio e as artes, como esses, eles amam especialmente a guerra, a pompa e o barulho; desafiantes e crédulos, entregues, às vezes, a um entusiasmo irrefletido e, às vezes, a uma abatimento exagerado, eles caem e erguem-se sem dificuldade, frequentemente excessivos em suas ações e sempre mais dispostos a sentir do que pensar.

Depois de falar-te sobre as duas principais raças que povoam a Argélia, é bom, Senhor, terminar dizendo uma palavra de uma terceira, que não existe mais lá, mas que, durante três séculos, obteve um poder preponderante, eu desejo discorrer sobre os turcos.

Quando os espanhóis expulsaram os árabes da Península Ibérica, eles não tardaram a segui-los até as costas da Argélia. Estes últimos convocaram os turcos, no apogeu do seu poder e da sua glória, que, depois de terem conquistado os cristãos e tomado Argel, declararam-se mestres daqueles a quem tinham vindo defender.

Não imaginas, Senhor, que os turcos, conquistadores de Argel e de uma parte da Regência, quisessem fundar um império para os seus descendentes. Nem um pouco. Esses turcos estavam tão orgulhosos de si mesmos e de seu país que desprezavam os seus próprios filhos, que nasceram de mulheres árabes. Preferindo a raça à família, eles não os queriam recrutar. Mas todos os anos eles enviam para a Turquia para procurar novos soldados. Mas todos os anos eles enviam para a Turquia para procurar novos soldados. As coisas assim estabelecidas continuaram. Ainda era o mesmo em 1830. A cada ano, a raça dominante era recrutada na costa asiática, deixando os seus próprios filhos cair na obscuridade e no desamparo.

É preciso dizer-te, Senhor, quais eram os princípios e os meios de governo desses turcos. Isso é necessário para compreender tudo o que aconteceu desde que tomamos o seu lugar.

Os turcos, a maioria dos quais vivera em Argel, formaram uma milícia pouco numerosa, mas muito brava e muito turbulenta à qual pertencia o direito de escolher o chefe de governo. Foi no seio dela que a maioria das autoridades civis e todos os oficiais militares foram escolhidos.

Esses turcos formaram assim um corpo aristocrático e mostraram os defeitos e qualidades de todas as aristocracias. Repletos de imenso orgulho, mostraram ao mesmo tempo certo respeito por si mesmos, que os fez falar e quase sempre agir com nobreza. Além disso, interessavam-se apenas pelos interesses de seus corpos, desprezando tudo o que lhes era estranho.

Quanto ao que eles chamavam de seu governo, aqui está em que consiste:

Os turcos tentaram reduzir as tribos cabilas. Mas eles conseguiram fazer apenas com que um pequeno número deles reconhecesse a sua soberania. Todos os outros entrincheiraram-se em suas montanhas e permaneceram inacessíveis.

Presumo que seja a proximidade contínua desses turcos que fez com que os cabilas adotassem essa máxima fundamental, da qual falei acima, e sob a qual se cortam as cabeças de todos os estrangeiros que vêm andar nas inclinações do Atlas.

A dominação turca se estabeleceu mais facilmente sobre os árabes que, como já te relatei, vivem em planícies abertas. Aqui está como procederam: cinco a seis mil turcos confinados em Argel não poderiam sozinhos reduzir essas tribos móveis que fogem à aproximação da mão que quer agarrá-los. Mas as tiranias jamais se estabeleceriam se os opressores não encontrassem os seus instrumentos entre os oprimidos. Os turcos distinguiram certas tribos às quais concederam privilégios e uma grande independência, sob a condição de ajudá-los a escravizar os outros. Além disso, nas mesmas tribos em que o seu jugo se impunha, aliavam-se, por meios análogos, especialmente por isenção de impostos, à maioria dos membros da aristocracia militar que mencionei acima. Dessa maneira, eles poderiam se servir dos árabes para dominar os árabes. Mas esses árabes auxiliares sempre foram comandados por turcos. Todo ano, portanto, um oficial turco saía de Argel, seguido por alguns soldados de sua própria nação, aos quais se juntava a cavalaria dos Marzem. Estes eram os cavaleiros árabes que mencionei. Eles viajavam pelo país nesse comboio; o imposto era cobrado pacificamente ou cobrado violentamente sobre as tribos que se recusaram a pagá-lo. Essa era a essência do governo turco. Não se deve crer, Senhor, que o dinheiro arrecadado dessa maneira serve, como se pratica ou pelo menos como parece ser praticado entre todas as nações civilizadas, para assegurar a tranquilidade e a prosperidade daqueles que o pagaram. A quase totalidade fora para os cofres do Dey ou voltara para os seus soldados.

Os turcos, no entanto, fizeram algumas tentativas bastante incompletas para estabelecer entre os árabes algo que se assemelhasse a uma administração pública.

Eles dividiram o país, principalmente em redor das cidades, em distritos chamados outans*, nos quais várias tribos habitavam. À frente dessa população, puseram um oficial turco chamado chefe (caïd) e alguns soldados da mesma nação aos quais se juntavam, quando necessário, os cavaleiros dos Marzem. Este oficial tinha o dever de exercer a justiça criminal, assegurar a paz pública e a segurança das estradas, um dever que ele fazia muito pouco. Pois as tribos, apesar de suas cautelas, guerreavam incessantemente umas com as outras e, muitas vezes, arrastavam à frente o próprio chefe, que, para manter alguma autoridade sobre elas, era obrigado a compartilhar as suas paixões e abraçar as suas querelas.

Os turcos empregavam um outro meio de proteger as cidades. Eles mantinham uma guarnição a qual tinham o cuidado de renovar com frequência. Os soldados assim destacados eram casados com mulheres árabes e tinham filhos. As crianças nascidas na Argélia da união de turcos e árabes tinham um nome particular. Eles chamavam-se coulougis e formavam uma raça distinta das duas outras. Os turcos, sem dar aos coulougis uma participação no governo ou um lugar em suas milícias, asseguravam-lhes, entretanto, por privilégios, uma posição preponderante que os ligava ao governo e separava os seus interesses dos do resto dos governados. Esses coulougis formavam, portanto, nas cidades em que tinham nascido uma população amistosa, com a qual podiam contar, e que se defendiam facilmente se não os abandonassem inteiramente a si mesmos.

Assim, nas montanhas, os cabilas eram um pouco mais independentes. Nas planícies, os árabes eram muito incompletamente submissos; nas cidades os turcos e os coulougis e uma população mista e sem caráter fixo sobre a qual direi uma palavra no final.

Já sabes o suficiente para ver, Senhor, que esse pretense governo turco não era realmente um governo, mas uma continuação da conquista, uma exploração violenta dos vencidos pelo conquistador. Não só os turcos se estabeleceram nas costas da África como estrangeiros, mas eles resolveram este difícil problema de viver durante trezentos anos, um país onde eles eram sempre estrangeiros e onde constantemente assemelhavam-se a recém-chegados que chegam com o objetivo de fazer os seus negócios particulares e não para administrar o povo conquistado.

Relatei-te como as coisas se passam no distrito de Argel. Procedeu-se de modo análogo nos três Beyliks que reconheciam a autoridade do Dey. Os turcos dividiram a Argélia em três governos: um a leste no qual Constantino* era a capital, um outro ao sul, que se chamava Beylik de Tittery e o terceiro, a oeste, que formava a província de Oran.

Estes três Beys foram nomeados pelo Dey. Eles se estabeleceram na cidade principal da província como este em Argel e governaram lá pelos mesmos meios. Mas, em geral, o seu poder era ainda mais limitado do que o do Dey e mais contestado.

Prometi não terminar, Senhor, sem te dizer uma palavra sobre aquela parte da população das cidades, que não era nem turca nem coulouglic. Ela era composta de judeus, sobre os quais tu sabes tanto quanto eu, porque eles estão lá e os vemos em todos os lugares, e os mouros. Estes mouros pertencem a diferentes raças; mas o maior número deles é de árabes cujos gostos sedentários, o desejo de desfrutar de sua riqueza em paz ou de adquiri-la por comércio, fixaram nas cidades. É uma raça espiritual, gentil, inteligente e forte amigo da ordem. Os árabes da planície, que vivem* sob as estrelas, o sabre em punho e que são necessariamente entregues às dores e alegrias de uma existência aventureira, professam o mais esplêndido desdém por aquela parte pacífica e diligente de seus compatriotas. Em seu desprezo, eles dão a esses mouros um nome que significa, em árabe, vendedores de pimenta o qual só poderia ser traduzido para o francês por vendedor de especiarias. Imaginaste, aposto, Senhor, que esse epíteto, tão repetido hoje, surgira em meio aos nossos motins. Vês que ele vem de longe, e eu creio mesmo que ele é muito venerável por sua antiguidade.

Os orientais não mudam as suas boas palavras mais do que as suas crenças, eu não ficaria surpreso se se não regressasse às primeiras eras do mundo. Acrescento que não me parece melhor ser antigo.

Acabei de mostrar-te, resumindo, o que a Argélia era antes de nossa conquista. Na próxima carta, tentarei fazer conhecer rapidamente o que fizemos e indicar o meu melhor conselho sobre o que resta a ser feito.

Recebido em: 29 de dezembro de 2019

Aceito em: 30 de janeiro de 2019